

Catadores de papel e vendedores de droga convivem lado a lado na invasão do Setor Gráfico, que não pára de crescer

DF - cidade

UMA NOVA ESTRUTURAL

Fernanda Lambach
Da equipe do Correio

Fotos: Carlos Vieira

Líderes da favela do Setor de Indústrias Gráficas (SIG) temem que a área se transforme em uma nova Estrutural. A invasão está crescendo um pouco a cada dia. Quem olha pelo lado de fora da pista que liga o Sudoeste ao Eixo Monumental tem a ilusão de que lá existem uma meia dúzia de barracos. Não é verdade. Um cadastro feito recentemente contou 70 improvisações de casa, formadas por tábuas desiguais, às vezes podres, abrigando adultos e um grande número de crianças e adolescentes. Há também, no meio das "casas", um barracão azul da Assembléia de Deus.

Este aumento da favela preocupa diretamente o delegado de Tráfico e Entorpecentes, Eric Castro. Afinal, a invasão, um local muito escuro e abandonado à noite, é um conhecido ponto de venda de merla e maconha. Como o número de carros zero quilômetro parados na pista tem aumentado depois das 22h, a polícia suspeita também de que estejam vendendo cocaína por lá.

Quando a equipe do Correio Brasileiro visitou a favela, na quinta-feira passada, por volta de 12h, um rapaz perguntou "o que os repórteres queriam". Insinuando que poderia vender mais de um tipo de "mercadoria". A resposta foi que ninguém queria nada além de fazer uma reportagem no local, mas o rapaz insistiu: "Então racha cinco gramas comigo." Na hora, vários outros moradores cobriram os rostos e foram se esconder em barracos.

SUCATINHA

Nem todos os moradores, porém, querem se esconder. Há os que estão ali desde a década de 70, como é o caso do catador de sucatas José Alonso Magalhães. Ele tem mulher e dois filhos morando em Sambaíba, mas vem para o SIG todos os dias trabalhar na "sucatinha". Se o trabalho de separar papéis, latas e plásticos aumenta, Alonso passa a noite na favela. "Meus filhos não moram aqui na invasão e nem me ajudam na sucatinha porque têm de estudar. Mas conheço outros pais que exploram os filhos e os colocam para trabalhar como catadores", declara Alonso.

Ele reclama de o governador trabalhar perto da invasão do SIG, passar por ela todos os dias e não fazer nada para resolver a questão. "Esse homem não tá vendo nada na frente dele. Governo é aquele que se mobiliza com a sociedade. Por que será que não dão um lugar digno para a gente morar e trabalhar?", questiona.

Uma das líderes da invasão, mais conhecida como D. Lúcia, concorda com Alonso: "O governador só quer nos expulsar. Não quer nos ajudar." Ela mora na Favela do SIG com três filhas e duas netas em um barracão protegido por uma cerca adicional feita com madeiras altas. Ela confirma que há traficantes de drogas que moram na favela. "Mas eu não me meto com eles e eles também não devem cruzar o meu caminho", ameaça a líder. Ela instruiu a equipe do Correio a não bater nos barracos que ficam no fundo da favela. "É melhor falar com os moradores desta parte da frente, margeando a pista", avisou.



Maria José Lopes diz que é obrigada a deixar a filha, Andréa, sozinha na favela para ir trabalhar. Muitas crianças não vão para a escola porque não têm dinheiro para pagar a passagem de ônibus

Sem água e sem emprego

Hoje, a maior preocupação de D. Lúcia é que a invasão fique enorme e se transforme em uma nova Estrutural. "Temos 70 moradores por aqui e já está difícil de negociar com o governo um lugar para morar. Imagine se a invasão aumentar ainda mais". Segundo Lúcia, o maior problema atual é um racha na Associação de Moradores, da qual participam seis pessoas. Um rapaz chamado Jutaf teria se desentendido com os outros líderes e estaria, a partir de agora, estimulando a chegada de mais invasores.

Apesar de invasora, Lúcia conta que preferia viver em paz com a lei. "Tenho uma carta da Sociedade Habitacional de Interesse Social (SHIS). Nunca me deram um lote... Então fiz questão de brigar diretamente com o governo e invadir. No fundo, é claro que quero uma coisa limpa", desabafa.

Lúcia conta que são muitas as dificuldades pelas quais as famílias da invasão passam. A principal é falta d'água. Por ironia, a favela é situada ao lado de um reservatório da Companhia de Água de Brasília (Caesb).

"Nossa sorte é que o dono da gráfica Charbel tem um coração de mãe, daqueles que sempre cabe mais um. Pra gente não ficar entrando toda hora no terreno dele para abastecer os baldes, ele colocou uma torneira mais para perto do portão, onde nos servimos", conta Lúcia.

Outra líder da invasão, Maria José Benício Lopes, cita outro drama: a falta de empregos. "Eu mes-

ma trabalhava num bar, mas fui despedida. Agora estou me oferecendo para fazer faxina." Quando sai para trabalhar, Maria deixa a filha Andréa, de 3 anos, com uma vizinha.

A líder conta que grande parte das crianças da Invasão do SIG, assim como Andréa, não vão para a escola porque não têm dinheiro para pagar o ônibus ou porque são muito pequenas para ir sozinhas, a pé. Sabe que algumas podem até mesmo estar envolvidas com drogas, mas não diz quais são.

ADMINISTRAÇÃO

O administrador do Cruzeiro, Hélio Lopes dos Santos, que é responsável pela área, disse que só na semana passada a fiscalização retirou três barracos da favela. Ontem, os fiscais da administração teriam ido à favela novamente para checar se houve novas ocupações.

Segundo Hélio, a área da favela é da Terracap e deverá ser toda desocupada até o segundo semestre. A partir de agosto, o terreno será licitado e construtoras deverão iniciar as obras de prédios de três andares onde hoje estão os barracos.

"Já entramos em contato com a Fundação do Serviço Social para que ajude os moradores a encontrar outros lugares para se abrigar. Alguns poderão receber passagens para voltar para o estado de origem e outros poderão até mesmo receber um auxílio-aluguel, por um tempo específico", afirma o administrador.



Até agosto, a invasão do SIG dará lugar a prédios residenciais